



VOZ DA FÁTIMA

Neste Tempo Pascal, vivamos as alegrias da Ressurreição de Jesus, sobretudo numa vida renovada e fortalecida na Fé e no Amor a Deus e aos irmãos. Passámos da morte à vida pelo arrependimento e confissão dos nossos pecados. Continuemos a alimentar essa vida — a verdadeira Vida — na Comunhão frequente de Jesus. Isto será para cada um de nós penhor de Vida Eterna na glória de Deus Pai.

Director e Editor: Mons. Manuel Marques dos Santos — Seminário de Leiria
Proprietária e Administradora: «Gráfica de Leiria» — Largo Cónego Maia — Telef. 22336
Composto e impresso nas oficinas da «Gráfica de Leiria» — Leiria

ANO XLVII — N.º 571
13 DE ABRIL DE 1970
PUBLICAÇÃO MENSAL

Avença

Saudades do Francisco

ENTRE os três pastorinhos da Fátima reinava a mais santa, pura e íntima amizade. Deus uniu-os pelos laços do sangue e pelos vínculos espirituais das mesmas graças, dos mesmos desejos e das mesmas inclinações. Eram verdadeiramente «um só coração e uma só alma». Uma única preocupação os dominava: fazer sempre o que fosse de maior sacrifício e de mais agrado de Nossa Senhora.

Podemos, pois, avaliar quanto a Jacinta sentiu a morte de seu querido irmão e companheiro Francisco.

Escreve a Lúcia, referindo-se à sua pequenina prima:

«Recuperou, no entanto, algumas melhoras. Pôde ainda levantar-se e passava então os dias sentada na cama do irmãozinho. Um dia, mandou-me chamar, que fosse junto dela depressa. Lá fui, correndo».

Havia notícias grandes para contar à predilecta do seu coração.

«Nossa Senhora veio-nos ver e diz que vem buscar o Francisco muito breve para o Céu. E a mim perguntou-me se queria ainda converter mais pecadores. Disse-lhe que sim.

Disse-me que ia para um hospital, que lá sofreria muito, que sofresse pela conversão dos pecadores, em reparação dos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria e por amor de Jesus.

Perguntei se tu ias comigo. Disse que não. Isto é o que me custa mais. Disse que ia minha mãe levar-me. E depois fico lá sòzinha».

Nossa Senhora veio, na verdade, muito breve levar o Francisco para o Céu. Foi no dia 4 de Abril de 1919 — um ano e meio após a última aparição, — depois do pastorinho ter suportado durante seis meses, quase contínuos, uma atroz doença «com uma paciência he-

róica, sem nunca deixar escapar um gemido, nem a mais leve queixa».

Ao aproximar-se o momento do irmãozinho partir para o Céu, Jacinta fez-lhe as últimas recomendações:

— *Dá muitas saudades minhas a Nosso Senhor e Nossa Senhora e diz-lhes que sofro tudo quanto eles quiserem para converter os pecadores e para reparar o Imaculado Coração de Maria».*

Isenta de todo o egoísmo ou interesse próprio, para si não pede absolutamente nada, nem sequer a saúde ou qualquer outra graça. Com generosidade sem limites ofereceu-se para sofrer tudo pelos pe-

cadores e pelo Coração Imaculado de Maria.

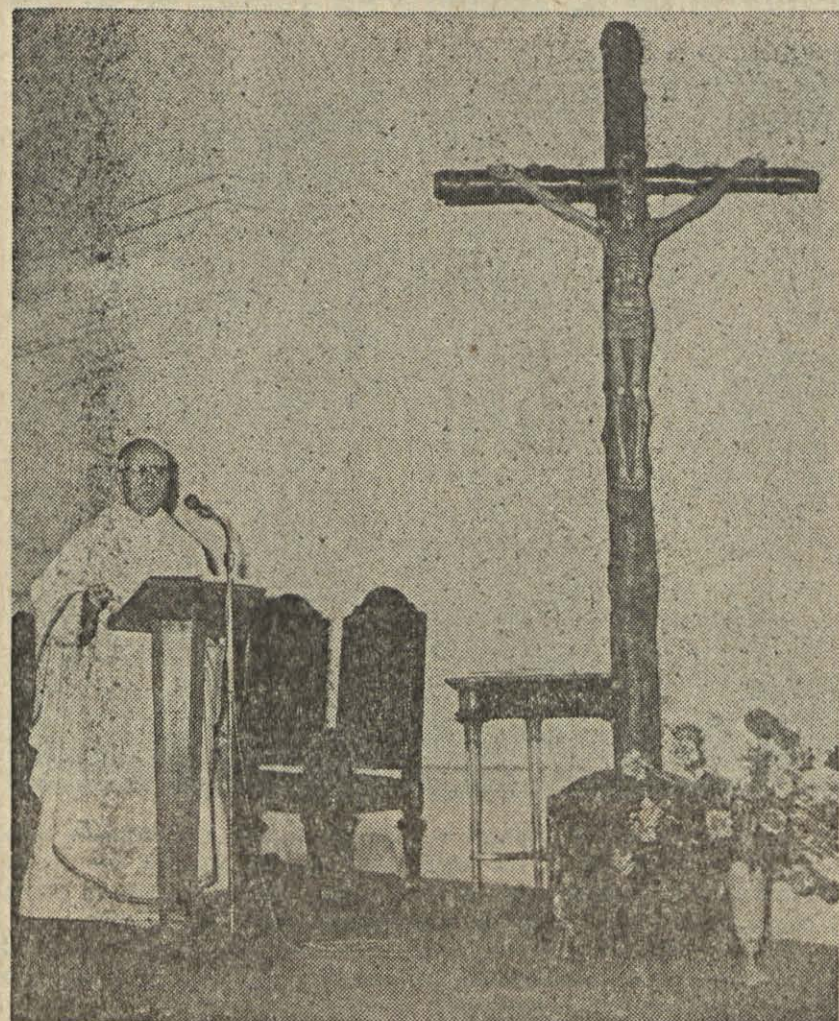
O Francisco subiu santamente ao Céu nos braços da Mãe de Deus. Quanto custou à Jacinta a separação do irmão tão querido, tão manso e tão bom! Abismava-se sòzinha na sua imensa dor, debruçada em lágrimas.

«Ficava por muito tempo pensativa e, se lhe perguntavam no que estava a pensar, respondia:

— *No Francisco. Quem me dera vê-lo!*

E os olhos arrasavam-se-lhe de lágrimas».

P. Fernando Leite



FÁTIMA — O Sr. D. João Pereira Venâncio, Bispo de Leiria, falando à assembleia durante a missa do dia 13 de Março, na peregrinação comemorativa do cinquentenário da morte dos videntes Jacinta e Francisco

A Grande Peregrinação das Crianças à Fátima em 7 de Junho

A Peregrinação das Crianças à Fátima comemorativa do Cinquentenário da morte dos videntes Francisco e Jacinta celebra-se num só dia com o programa seguinte:

DOMINGO, DIA 7 DE JUNHO

ÀS 10.30 HORAS — *Concentração das crianças junto da estátua de Nossa Senhora que se encontra à entrada do Santuário, na estrada. Oferta dos sacrifícios. Desfile para a Capelinha das Aparições e daí procissão com a imagem de Nossa Senhora para a fachada da Basílica.*

ÀS 12 HORAS — *Concelebração. Ofertório das oblatas para a Santa Missa por crianças representantes de todas as dioceses de Portugal e do estrangeiro. Procissão do adeus.*

Para as crianças das dioceses mais distantes, que tiverem de vir na véspera, haverá mais o seguinte:

Sábado, dia 6 — Às 19 horas, concentração junto da Cruz Alta. Desfile para a Capelinha das Aparições. Saudação a Nossa Senhora; às 21.30, procissão de velas e adoração ao Santíssimo.

Na manhã de domingo, antes da concentração geral, far-se-á uma visita aos lugares santos (Loca do Cabeço, Valinhos, Casas dos Videntes, Poço do Anjo).

DÃO-SE DE GRAÇA

É preciso que as crianças levem a Nossa Senhora o que ela mais deseja e nos pede: muitas orações e sacrifícios.

Dão-se de graça os papelinhos para apontar as boas obras, orações e sacrifícios. Basta pedi-los à Administração da Cruzada, Largo das Teresinhas, 5, Braga, ou à Postulação dos Pastorinhos, Apartado 6, Fátima. Pede-se que enviem uma pequena ajuda para o correio.

Vida do Santuário

Março

FALECEU UM GRANDE SERVIDOR DO SANTUÁRIO

No dia 3, no lugar do Montelo, Fátima, onde vivia, faleceu o Sr. José Joaquim da Assunção, de 81 anos de idade.

O Sr. José da Assunção, nome por que vulgarmente era conhecido, foi um dos primeiros trabalhadores do Santuário. Principiou aqui a trabalhar em 1922 e foi até 1958 encarregado dos operários e um dos mais fiéis servidores de Nossa Senhora. Foi intermediário na compra de muitos terrenos necessários para o alargamento do recinto e, durante as peregrinações, era incansável em providenciar os meios necessários para o bom desenrolar das cerimónias. Por isso, os reitores o tiveram sempre na maior consideração e lhe dedicavam a maior estima.

Era pai de 7 filhos, entre os quais se conta a Irmã Maria da Assunção, religiosa da Congregação das Servas de Nossa Senhora da Fátima.

Presidiu ao funeral, no dia 4, e celebrou a missa de corpo presente o Pároco da Fátima, Sr. P.º Manuel António Henriques, e assistiram o Reitor do Santuário Mons. António A. Borges, o Sr. Cônego Amílcar Martins Fontes, antigo reitor, os capelães Padres Reis e Pereira e a superiora das Servas e algumas irmãs ao serviço do Santuário e muitas pessoas da freguesia da Fátima.

Pela sua participação na vida do Santuário ao serviço dos peregrinos, o Sr. José da Assunção bem merece de todos os devotos uma prece pela sua alma.

MUÇULMANOS DA GUINÉ NO SANTUÁRIO

De regresso de Meca, onde foram em peregrinação, trinta muçulmanos, a quem o Ministério do Ultramar ofereceu uma viagem a diversos locais do nosso País, desejaram que nessa viagem fosse incluída a visita ao Santuário da Cova da Iria.

Aqui estiveram no dia 8, visitaram a Basílica e a Capela das Aparições, mostrando-se vivamente impressionados com o que lhes foi dado ver no local onde Nossa Senhora apareceu.

Estes habitantes da Guiné, de religião muçulmana, oraram, há dias, a Alá, no Ministério do Ultramar, na presença do Ministro e altos funcionários, pela paz em todo o mundo e em especial na Província Ultramarina da Guiné.

RETIRO DE EMPREGADAS DOMÉSTICAS

Cerca de 40 empregadas domésticas que prestam serviço nas Casas dos Retiros do Santuário, em vários hotéis e casas particulares da Fátima, tomaram parte num retiro espiritual orientado pelo Sr. Padre Barros, dos Missionários do Coração de Maria.

PROBLEMAS DA FÁTIMA

Uma representação de hoteleiros, de comerciantes e das casas religiosas e seminários e particulares da Cova da Iria, entregou na Câmara Municipal de Vila Nova de Ourém, durante a sessão pública do dia 6, uma exposição a pedir a construção imediata do mercado fechado no local onde se encontra localizado pelo Plano de Urbanização.

Esta exposição foi motivada por a Câmara ter deliberado escolher outro local diferente do já preparado para a construção do mercado, sem que para isso fosse ouvida a população que será abastecida pelo mercado a construir. A população descontentou-se com a deliberação camarária, pois sabe que há 4 anos se encontra aprovado o projecto, participado e preparado o local para a construção, aguardando apenas que a Câmara ponha a obra em execução.

No mesmo sentido a população da Fátima vai dirigir-se ao Senhor Ministro das Obras Públicas.

CINQUENTENÁRIO DA MORTE DA JACINTA MARTO

Com a presença de numerosos peregrinos, entre os quais se contavam várias centenas de pescadores das praias da Nazaré, Torreira e Gafanha, realizaram-se as cerimónias da peregrinação mensal de 13 de Março, comemorando o 50.º aniversário da morte da pastorinha Jacinta Marto.

Antes da missa, efectuou-se a habitual procissão com a imagem de Nossa Senhora que saiu da Capela das Aparições para o altar exterior da Basílica. Os pescadores reuniram-se na procissão levando redes e outras insignias marítimas.

As 11 horas, houve a celebração, sob a presidência do Senhor Dom Manuel Gonçalves Cerejeira, Cardeal-Patriarca de Lisboa, na qual tomaram parte os Senhores Arcebispo de Mitilene, Bispos de Leiria, Coimbra e Guarda, e Auxiliares de Leiria e de Coimbra, e 15 sacerdotes.

Depois da leitura do evangelho, o Sr. D. Francisco Rendeiro, Bispo de Coimbra, fez a homilia recordando diversos factos da vida da pequenina Jacinta, pondo à consideração e imitação dos fiéis as suas virtudes.

No fim da missa, o Sr. Bispo de Leiria recitou a consagração ao Imaculado Coração de Maria e o Sr. Cardeal Patriarca deu a bênção do Santíssimo Sacramento aos doentes.

Antes da procissão do adeus, o Sr. Dom Manuel Gonçalves Cerejeira dirigiu-se aos peregrinos a quem pediu orações pelo Santo Padre cujo sofrimento a Jacinta previu.

As cerimónias terminaram com a recondução da imagem de Nossa Senhora para a capela das aparições. O andor foi conduzido aos ombros de marítimos.

À tarde, no salão de festas do Seminário do Verbo Divino, realizou-se a representação do Auto da Rainha dos Céus, do poeta Miguel Trigueiros, integrada nas comemorações do cinquentenário da morte da Jacinta.

PEREGRINAÇÃO E RETIRO DE SERVITAS

Os membros da Pia União de Servitas costumam realizar anualmente em Março a sua peregrinação oficial, coincidindo com o retiro espiritual em que tomam parte.

As cerimónias estiveram presentes muitos membros da Pia União, 34 dos quais frequentaram um curso de formação dado pelo Director do Movimento para o Mundo Melhor, Padre João Pedro Cubero, pelo seu adjunto e P.º António Fernandes, com intervenções do casal Cruz Martins, de Beja.

No dia 13 principiou o retiro, em que participaram 70 membros da Pia União, orientado pelo P.º Manuel dos Santos Craveiro, director desta Associação.

A ESTRADA DA FÉ DE SANTIAGO DE COMPOSTELA À FÁTIMA

Durante uma reunião realizada em Lisboa em 16 de Março, entre o Ministro da Informação e Turismo de Espanha, Don Alfredo Sanchez Bella, e o Secretário de Estado da Informação e Turismo português, Dr. César Moreira Baptista, com a presença de directores-gerais dos dois países e várias outras individualidades, foram tratados diversos pontos para uma acção conjunta dos dois países na promoção turística que interessam a Portugal e a Espanha.

Entre os assuntos ventilados figura a construção da «Estrada da Fé», entre os santuários de Santiago de Compostela e da Fátima, de modo a permitir o mais fácil acesso de peregrinos de todo o mundo a estes dois centros da fé cristã na península ibérica.

UMA CIDADE NOVA NO BRASIL COM O NOME DE FÁTIMA

Nas cerimónias da peregrinação mensal de Março esteve presente o Sr. Mércio Prudente Correa, residente na cidade de São Paulo, no Brasil, que em 1947 vivia na

Fazenda Dinorá, na região do Norte do Paraná, onde edificou uma capela em honra de Nossa Senhora da Fátima. Nesta capela celebrou algumas vezes o Bispo de Diamantina, Dom Geraldo de Proença Sigaud.

Em 1939 os terrenos junto da Fazenda Dinorá principiaram a ser urbanizados até que se tornaram um grande agregado populacional. Em Março de 1947 este agregado foi elevado à categoria de Município pertencente ao distrito de Tulhas.

Foi então necessário decidir sobre o nome a dar à nova cidade que já possuía 20.000 habitantes. Para isso fez-se um plebiscito à população e foram propostos os nomes de Nova Fátima, Monte Castelo e um nome indígena. O primeiro nome, dedicado à Virgem da Fátima, por ali existir grande devoção a Nossa Senhora sob esta invocação, o segundo, em homenagem ao heroísmo dos soldados brasileiros que combateram na guerra mundial.

À frente dos que pugnavam pelo nome de Nova Fátima estava o Sr. Mércio que reunia à sua volta todos os católicos, e à frente dos que desejavam os outros nomes encontravam-se um protestante e um ateu.

Realizado o plebiscito, verificou-se que ganharam os que pretendiam o nome de Fátima e assim foi decidido que a cidade passasse a designar-se por NOVA FÁTIMA. O Sr. Mércio veio agradecer esta graça obtida por Nossa Senhora nas terras brasileiras.

ORDENAÇÃO DE PADRES SALESIANOS NA COVA DA IRIA

No passado dia 21 de Março, foram ordenados, na Fátima, três sacerdotes da Congregação de S. Francisco de Sales, dois dos quais naturais da Diocese de Leiria.

Conferiu as ordens o Senhor Dom João Pereira Venâncio. Estiveram presentes ao solene acto, realizado na capela da Casa dos Retiros «Senhora do Carmo», os Rev.ºs Padres Júlio Pinho, Provincial da Congregação Salesiana, José Valinho, Lino Ferreira e Álvaro Gomes, representantes de diversas casas salesianas e representações dos alunos de Filosofia e Teologia da

ISEC, os Párocos de Monte Redondo e Fátima, Cônego José Galamba de Oliveira e diversos outros, pessoas das famílias dos novos sacerdotes e outras pessoas amigas.

Foram ordenados de presbítero:

Rev.º P.º JOSÉ DE ALMEIDA OLIVEIRA, natural da Fátima, que fez os estudos liceais no Seminário Salesiano de Mogofores e no Instituto Missionário Salesiano de Manique. Professou em 1959 na Congregação Salesiana, iniciando então os estudos filosóficos e pedagógicos. Durante 3 anos leccionou nos seminários de Mogofores e Arouca. Actualmente está a terminar as licenciaturas em Teologia e em Psicologia na Universidade Pontifícia de Salamanca.

Rev.º P.º LUCIANO DOMINGUES MIGUEL, do Picote (Miranda do Douro), que fez os estudos liceais em Mogofores e Manique. Professou também em 1959 e alcançou a licenciatura em Teologia na Universidade Pontifícia de Salamanca.

Rev.º P.º JOSÉ PEDROSA FERREIRA, natural da freguesia de Monte Redondo. Fez os primeiros estudos no Seminário de Leiria e os estudos de Filosofia e Pedagogia nas Escolas Salesianas do Estoril e Iseda. Está a concluir o curso teológico na «Estudo Teológico João XIII» de Sevilha. Tem sido assíduo colaborador em vários jornais e revistas.

O Senhor Bispo conferiu, na mesma altura, a ordem de Subdiácono aos estudantes salesianos Joaquim Taveira da Fonseca, de S. João de Lobrigos, e Armindo Pinheiro de Sousa, de Cabeda (Alijó), e as Ordens Menores ao estudante Manuel Martins Ponciano, do Castelejo (Fundão).

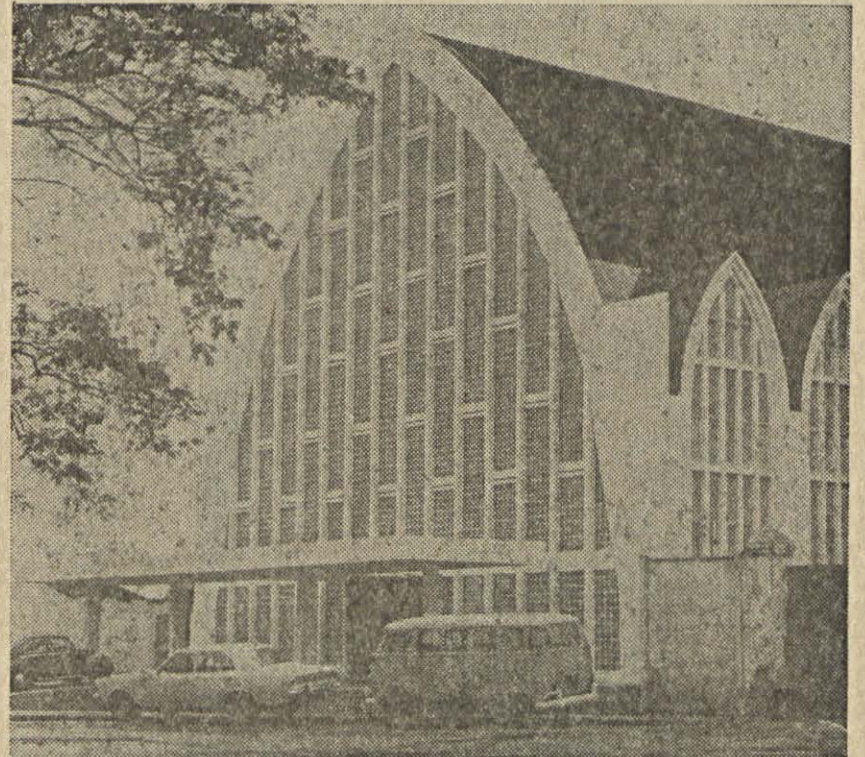
A cerimónia da ordenação foi na língua portuguesa, e foi seguida com a maior atenção e fervor religioso por todos os fiéis que enchiam a capela.

Com o Sr. Bispo concelebraram, além dos 3 novos padres, mais sete sacerdotes.

No fim das cerimónias, o Senhor Bispo, todos os sacerdotes e as famílias felicitaram os novos padres salesianos, a quem desejamos o mais fecundo labor apostólico.

S. I. S.

Santuário de N.ª Senhora da Fátima no Brasil



Iniciado pelos PP. Cabral e Luís G. Mariz e terminado pelo P. Andreini Giulio, S. J., foi solenemente inaugurado, no dia 13 de Outubro do ano passado, em Salvador, Baía, um Santuário em honra de Nossa Senhora da Fátima, de que reproduzimos uma imagem.

Sob a protecção de Nossa Senhora e S. José e com a ajuda material de grandes e pequenos benfeitores brasileiros, portugueses e italianos, o referido Santuário é uma imponente realidade.

Que Nossa Senhora da Fátima, tão devotamente servida e venerada em terras do Brasil irmão, derrame as Suas melhores bênçãos de Mãe exterosa sobre toda a terra brasileira e alcance a paz e a concórdia no mundo inteiro.

O IV Centenário da Bula de S. Pio V sobre o Rosário

Em comemoração do IV Centenário da Bula de São Pio V sobre o Rosário, houve em 17 de Setembro passado, missa concelebrada na Basílica da Fátima. Presidiu o Sr. D. Francisco Rendeiro, Bispo de Coimbra, e foram concelebrantes os Padres Dominicanos que se encontravam na Cova da Iria, reunidos em Capítulo. Ao Evangelho, o Sr. D. Francisco Rendeiro proferiu a seguinte alocução:

A 17 de Setembro de 1569, faz hoje 4 séculos, foi assinada pelo Papa São Pio V a bula *Consueverunt* sobre o Rosário. Vale a pena reflectir um pouco, não apenas sobre o conteúdo do documento, mas também sobre o seu enquadramento histórico, porque os acontecimentos do passado iluminam consideravelmente os do presente.

Façamos um simples confronto de datas, e logo veremos o significado que esses acontecimentos podem ter para nós.

A CRISE DA ÉPOCA DO CONCÍLIO DE TRENTO

A terceira fase do Concílio de Trento decorreu nos anos de 1562 e 1563, sob o pontificado do Papa Pio IV, que morreu dois anos depois.

São Pio V foi eleito em Janeiro de 1566 com 62 anos. Tinha tomado parte no Concílio, já como Cardeal, e agora cabia-lhe a missão de ser o primeiro Papa do pós-Concílio, tal como hoje Paulo VI depois do II Concílio do Vaticano.

Nesta semelhança está o interesse da lembrança histórica.

A época em que se realizou o Concílio de Trento foi de grande crise; por um lado a liberalização das ideias, fruto do renascimento e do humanismo, por outro a liberalização dos costumes, que atingiu as mais altas esferas da Igreja.

O próprio Pio IV, que terminou o Concílio de Trento, era por demais inclinado à vida mundana. Felizmente não faltaram homens de grande virtude, que souberam equilibrar a vida da Cúria Romana, entre eles o sobrinho do Papa, o jovem Cardeal S. Carlos Borromeu.

O Conclave que elegeu São Pio V foi ainda uma luta de interesses políticos e de outras influências sociais; felizmente, depois do desentendimento dos contendores, o Espírito Santo conduziu os votos para a pessoa do humilde e austero Cardeal dominicano.

A FIGURA DO PAPA PIO V

Quem era esse Cardeal que tomou o nome de Pio V?

A sua origem foi a mais humilde. Filho de pobres camponeses do Norte da Itália, começara a vida guardando um pequeno rebanho. Reparou nele um abastado proprietário da terra, e mandou-o à escola dos Padres Dominicanos, juntamente com o próprio filho.

Aos 17 anos o antigo pastorinho resolve professar a Regra de São Domingos, e aos 24 anos é ordenado sacerdote. As qualidades que a história já então lhe assinala, para além duma extraordinária capacidade intelectual, são a piedade edificante, a austeridade da vida religiosa, a pobreza exemplar, a tenacidade no trabalho e um admirável zelo pela fé.

As suas tarefas principais, ao longo de muitos anos, foram o ensino e a pregação no Norte da Itália.

Em 1556 o Papa Paulo IV, que o conhecia pessoalmente e muito o estimava, nomeou-o Bispo e no ano seguinte Cardeal, Alguém o definiu então como religioso austero, desapegado do mundo e das honras, homem de oração e pastor vigilante, zeloso da glória da Casa de Deus.

A Providência preparava este homem, em perfeito contraste com o espírito e o teor de vida dos Papas do Renascimento, para ser o primeiro Papa reformador, depois do Concílio de Trento.

Com a eleição de São Pio V mudou por completo o estilo de vida do Palácio Pontifício. O novo Papa continuou a vestir a roupa de frade dominicano, continuou a viver com a mesma austeridade, a praticar os mesmos jejuns da Regra da sua Ordem, e despediu os comediantes que faziam parte da Casa Pontifícia. Andava a pé pelas ruas da cidade. As suas devoções preferidas eram a meditação da Paixão do Senhor, a celebração diária da Santa Missa e o Rosário.

L. Pastor, na História dos Papas, diz que «raras vezes num Papa o príncipe temporal ficou tão escondido por trás do sacerdote, como no filho de São Domingos agora sentado na Cadeira de São Pedro» (1).

S. PIO V E A REFORMA DA IGREJA

São Pio V entendeu que a reforma da Igreja havia de começar pelas pessoas, e por isso escolheu para Cardeais um bom grupo de homens dignos dessa honra; depois procurou reformar os costumes do povo romano, conseguindo transformar em poucos anos a fisionomia espiritual da sua cidade.

Entretanto, ia realizando a obra fundamental da aplicação do Concílio à vida de toda a Igreja. O primeiro grande trabalho realizado pelo novo Papa foi a publicação do célebre Catecismo do Concílio de Trento, ou Catecismo Romano, em que as grandes verdades da fé, professadas pelo Concílio, foram explicadas em linguagem acessível a todo o povo cristão.

Para bem compreendermos o valor do Catecismo, é preciso lembrar quanto aquela época foi difícil.

Os reformadores protestantes tinham levantado a voz da rebelião contra a Igreja, acusando-a de se ter corrompido nos costumes e de ter atraído o Evangelho.

Embora o Concílio tivesse definido a verdadeira doutrina, tornava-se necessário fazê-la chegar até aos membros mais humildes do povo de Deus; e isto requeria, por um lado, a existência de bons catecismos, devidamente actualizados, por outro o diligente cuidado dos pastores, para ensinarem o povo que lhes estava confiado.

É curioso notar que a tradição daquilo a que poderíamos chamar Catecismo de adultos já era grande na época do Concílio de Trento (2). Mas de pouco valiam os catecismos quando a instrução que se dava ao povo era por demasiado rudimentar.

Neste sentido o esforço do Concílio foi extraordinário, e São Pio V teve a glória de ser o grande instrumento deste esforço, publicando em 1566 o Catecismo do Concílio de Trento ou Catecismo Romano. Esta obra, em que trabalhou extraordinariamente o teólogo dominicano português Fr. Francisco Foreiro, teve tal êxito, que ainda em nossos dias Pio XI o recomendava (3).

Enquanto se fixava assim oficialmente num Catecismo a doutrina de Trento, eram dadas ordens aos párocos para que se servissem dele na formação do povo cristão.

Entre nós coube a Fr. Bartolomeu dos Mártires a glória de ser um precursor do próprio São Pio V, na medida em que publicou o seu Catecismo dois anos antes do aparecimento do Concílio Romano. E um dos maiores méritos do Santo Arcebispo de Braga está precisamente em serem muito semelhantes os dois catecismos.

Ao reflectir nesta obra de São Pio V, tenho pensado que também agora Paulo VI sentiu a necessidade de nos dar o Credo do Povo de Deus, síntese preciosa da nossa fé, nesta época conturbada em que vivemos; e tenho pensado que talvez precisemos de alguma coisa mais, talvez precisemos de um Catecismo do II Concílio do Vaticano.

Depois de resolver o problema da educação cristã do povo de Deus com a publicação do Catecismo Romano, S. Pio V ordenou a oração pública da Igreja, fazendo a reforma do Missal e do Breviário.

Neste capítulo também as necessidades eram grandes, embora num sentido diferente das de hoje.

Antes do Concílio de Trento a Liturgia estava praticamente à mercê da iniciativa de cada diocese e das tradições de cada região.

Deus queira que não vamos agora cair numa anarquia ainda pior, com as inovações que por toda a parte vão aparecendo.

S. Pio V publicou em 1568 o «Breviário», e em 1570 o «Missal Romano», na forma substancial que ainda hoje guardam, embora tenham passado posteriormente por diversas reformas. S. Pio V, num admirável inciso do Decreto que oficializa o Missal, estabelece o princípio da unidade, dizendo: «é da máxima conveniência que o novo modo de salmo-

dear e o rito de celebrar a missa sejam um».

A CONFIRMAÇÃO DA FÓRMULA DA DEVOÇÃO DO ROSÁRIO

Resolvido o problema do Catecismo para a formação do povo cristão, S. Pio V julgou que havia de ir mais longe, confirmando, com a sua autoridade suprema, a fórmula da devoção do Rosário.

Não sei se o próprio Papa, ao publicar a Bula «*Consueverunt*», a 17 de Setembro de 1569, terá prescrito o alcance desse pequenino documento de cerca de 1200 palavras, cujo quarto centenário estamos hoje a celebrar.

Seja como for, esta Bula tem um valor extraordinário, pelas referências históricas, pelas afirmações doutrinais e pela orientação pastoral que encerra.

O Papa começa por situar o seu documento nas circunstâncias históricas de então, o que teria hoje para nós relativamente pouco valor, se essas circunstâncias não fossem uma verdadeira constante da própria história. Lembra que os Romanos Pontífices, nas grandes tribulações da Igreja, recorreram sempre a Deus com súplicas ou ladainhas, confiados, com esperança certa, de que haveriam de receber auxílio e que S. Domingos, levado por este exemplo, perante a heresia dos albigenses, inventou o Rosário.

S. Pio V diz que segue as pegadas dos seus predecessores e, considerando a Igreja agitada por tantas heresias, vexada e afligida por tantas guerras e pelos costumes depravados dos homens, levanta os olhos lacrimosos mas cheios de esperança para o Senhor e exorta os fiéis a fazerem o mesmo pela oração do Rosário.

Realmente a constante das necessidades da Igreja a determinar o recurso ao Rosário, aparece imensas vezes nos documentos pontifícios, como por exemplo nas encíclicas de Leão XIII, na encíclica «*Ingravescentibus malis*» de Pio XI (1937); na encíclica «*Ingruentium malorum*» de Pio XII (1951), na encíclica «*Grata Recordatio*» de João XXIII (1959) e finalmente, em termos igualmente expressivos, na encíclica «*Christi Matri Rosarii*» de Paulo VI (1966).

EQUAÇÃO LUMINOSA

Em quase todo o segundo milénio da história da Igreja, aparece-nos, com a máxima clareza, a seguinte equação: grandes necessidades, recurso à oração do Rosário.

Depois de ter abordado as necessidades do seu tempo, S. Pio V descreve a estrutura do Rosário: «repetição de cento e cinquenta vezes da Saudação Angélica, segundo o número do Saltério de David, com a oração dominical intercalada em cada dezena de Ave Marias, e com determi-

A Alegria Pascal O IV Centenário da Bula sobre o Rosário

(Vem da pág. 3)

QUANDO chega o Natal, pais e filhos preparam um presépio, prepresentando assim, de modo visível, o nascimento de Jesus Salvador. Na Páscoa não existe o costume de encenar nos lares a ressurreição de Cristo, mas existe em todos a mesma alegria e paz.

Um possível modo de o fazer seria o de representar, talvez, um túmulo vazio aberto na rocha, algumas mulheres aí presentes, dois peregrinos a caminho de Emaús, Maria Madalena num jardim esperando o Senhor. A paisagem seria primavera.

Mas isto não seria o mais importante. Temos outros sinais pelos quais não só se nos anuncia que Cristo ressuscitou, mas se renova na intimidade de cada coração a paz e alegria pascais.

Recordemos o grande sacramento da Vigília Pascal, a noite mais santa de todo o ano. À volta dum grosso círio aceso, símbolo de Cristo vivo, estando todos com velas acesas, canta-se o «Exsultet», uma longa exclamação de alegria de beleza incomparável. Escuta-se, em seguida, a Palavra de Deus que anuncia as maravilhas divinas através da história passada, presente e futura. Renovam-se as promessas baptismas, como resposta comunitária à fidelidade do Senhor para com o Seu povo.

Segue-se a Eucaristia da meia-noite. É, então, proclamado o relato da ressurreição gloriosa, e canta-se o aleluia pascal na mais íntima e desbordante alegria. Na refeição eucarística é repartido o Pão consagrado; nele reconhecemos a presença real do Ressuscitado que dá a vida ao mundo.

Estes são os verdadeiros sinais anunciadores da ressurreição, os que dão aos crentes a alegria pascal de participarem pela fé nesse mistério central da mensagem cristã. Pela liturgia, não só se anuncia o facto histórico da glorificação do Senhor, mas também se actualiza, se faz presente para nós, dando-nos motivos de esperança.

A Páscoa não se reduz, porém, a esta celebração à volta do altar. O crente é chamado a uma atitude de íntima alegria no seu lar, no seu trabalho, na sua vida. Não abandonamos as nossas diárias preocupações; mas a fé dá-nos a certeza de que, no mais profundo de nós próprios, vive latente a esperança e a paz.

Não se trata duma alegria de Carnaval: uma alegria de evasão que esconde por algumas horas as duras preocupações de sempre. Nada disso é a alegria pascal.

Trata-se duma profunda alegria. Com ela podemos enfrentar com ânimo as dificuldades da vida e até encarar a morte com coragem e amor. Se Cristo ressuscitou, também nós ressuscitaremos, porque somos chamados à vida.

A alegria pascal é perdão dos pecados, coração puro, certeza da presença do Espírito. Uma alegria que ninguém poderá arrebatá-lo. Nem as dores e angústias de cada dia a arrebatarão.

Aqui está a grande distinção entre a vida do cristão e a vida dum não-crente. É em Cristo ressuscitado que ele encontra nas cruzes diárias a fonte de alegria e de paz.

PEDROSA FERREIRA
(em «A Voz do Domingo»)

A fantasia de Garabandal

Em vista da corrente de propaganda a favor das supostas «aparições» de Garabandal, na Espanha, e das confusões que se vêm fazendo com a Fátima e as aparições de Nossa Senhora aqui efectuadas (há peregrinos vindos à Fátima como «ponto de passagem» na sua peregrinação para Garabandal), Mons. João Mowatt, director da sede internacional do Exército Azul, decidiu escrever ao Sr. Bispo de Santander para saber dos factos relacionados com esse lugar e as supostas aparições.

Temos sempre dado crédito e apoio às decisões das Autoridades legais da Igreja, reconhecendo aos Bispos, directos sucessores dos Apóstolos, essa autoridade. Estamos certos de que Nossa Senhora espera de nós esta obediência.

Transcrevemos em seguida a resposta de S. Ex.^a o Bispo de Santander.

Revmo. Senhor:

Rogo-lhe que me perdoe o atraso com que respondo à sua carta de 28 de Novembro na qual mostra interesse em conhecer a atitude da Hierarquia em torno das «supostas aparições de Garabandal», e em vista de serem bastantes os peregrinos que vos chegam dos Estados Unidos com desejos de alcançar a dita localidade desta diocese.

Após alguns anos de estudo prudente do caso de Garabandal, em que intervieram três Bispos — Mons. Doroteo Fernández, D. Eugénio Beitia e D. Vicente Puchol — este último, após prévias consultas com a Santa Sé, declarou que constava a não sobrenaturalidade das supostas aparições. Este servidor, eu bispo de Santander há ano e meio, voltei a insistir sobre a dita não sobrenaturalidade, que consta claramente pela documentação que este Bispo possui.

A Santa Sé está perfeitamente informada de todo o problema. Não tem querido intervir no assunto, apesar das pressões recebidas de muitos «garabandalistas» de todo o mundo, porque considera que o problema está suficientemente bem estudado e solucionado ao nível da diocese. O último documento que tenho do Cardeal Seper diz-me que todos os Bispos do mundo têm argumento suficiente nas declarações do Bispo de Santander, para proibirem todas as peregrinações e outras manifestações de culto fundadas nas supostas aparições de Garabandal.

Na esperança de que quanto lhe digo sirva para esclarecer as suas dúvidas, sou de V. Rev.^a sempre afectuosíssimo em Jesus Cristo,

JOSÉ MARIA
Bispo de Santander

nadas meditações sobre a vida de N. S. Jesus Cristo». Chama ao Rosário: «modo fácil, acessível a todos e muito piedoso de orar e pedir a Deus», «erguendo os olhos para o céu e para aquele monte da gloriosa Virgem Maria, puríssima Mãe de Deus, que com a sua descendência esmagou a cabeça da serpente maldita e, sôzinha, exterminou todas as heresias e com o bendito fruto do seu ventre salvou o mundo condenado pela queda dos primeiros pais, e do qual, sem intervenção de mãos humanas, foi retirada aquela pedra que, morta no madeiro da cruz, produziu abundantes águas de graça».

Descrevendo os efeitos do Rosário alcançados pela pregação de S. Domingos, o Papa diz que os fiéis, entusiasmados por estas meditações e inflamados por estas preces, começaram a transformar-se rapidamente noutros homens, as trevas das heresias começaram a afastar-se e brilhou mais a luz da fé católica; foram instituídas associações desta forma de orar, conforme a diversidade dos lugares.

E também para que agora e sempre continuem a produzir-se os mesmos frutos, S. Pio V diz: «confirmamos e aprovamos, ajuntando-lhe a graça da firmeza perpétua e inviolável, o supradito modo de orar e de pedir», e estimula os fiéis a que se inscrevam nas Confrarias do Rosário, concedendo-lhes as mais amplas graças espirituais: «para que mais pronta e alegremente se aumente o número dos confrades».

S. Pio V não esconde a sua devoção a S. Domingos, «cujo instituto e Regra professámos quando éramos jovens». Agora sentado na cadeira de Pedro, julga dever incutir em toda a Igreja a devoção ao Rosário, que ele sempre cultivara.

A Providência reservava-lhe uma oportunidade maravilhosa para passar das palavras à acção. Em 1571 a cristandade estava ameaçada de ser invadida pelos Turcos. O perigo era grande, e o temor maior ainda, por estar bastante viva a recordação do que fora o domínio da Europa pelos muçulmanos desde 711 a 1492.

O HOMEM QUE SOUBE VER OS SINAIS DE DEUS

S. Pio V, depois de inúmeros esforços, mobilizou as forças das principais nações da Europa, conseguindo organizar a Liga Santa, e confiou a D. João de Áustria o comando geral da esquadra que ia combater os Turcos. Ao mesmo tempo fez a mobilização espiritual dos fiéis, pedindo às Confrarias do Rosário que, no 1.º domingo de Outubro desse ano de 1571, saíssem para a rua em solenes procissões a rezar o Rosário de Nossa Senhora. O próprio Papa manteve-se em constante oração diante do crucifixo e da Virgem do Rosário, merecendo receber, por revelação, a notícia da vitória dos cristãos.

O facto foi considerado como a suprema confirmação do valor do Ro-

sário, dada pelo próprio Deus. Dal por diante a Igreja nunca mais esqueceu estes acontecimentos, e a prova está nos termos que usou Pio XII, consagrando o mundo ao Imaculado Coração de Maria por ocasião do 25.º aniversário das Aparições da Fátima: «Rainha do Santíssimo Rosário, auxílio dos cristãos, refúgio do género humano, vencedora de todas as grandes batalhas de Deus» (4).

Não será preciso dizer mais para assinalar a perene actualidade da Bula «Consueverunt» do Papa S. Pio V.

Creio poder afirmar que o Papa de 1569 foi verdadeiramente um profeta, no sentido etimológico da palavra, um homem que soube ver os sinais de Deus no movimento espontâneo da espiritualidade cristã; soube perceber o valor transcendente de uma fórmula de oração muito simples, muito popular, soube garantir essa fórmula com a sua autoridade suprema, em termos que ainda hoje consideramos inteiramente válidos.

É por isso que celebramos o quarto centenário deste documento de S. Pio V.

(1) Veja-se esta e outras referências na biografia de S. Pio V, volume 184 da B. A. C. — 1959, pág. 288.

(2) Cf. a Introdução que escreveu Fr. Raul de Almeida Rolo, O. P., para a edição do Catecismo de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires, Biblioteca Verdade e Vida — Fátima, 1962.

(3) Uma das últimas edições do Catecismo de Trento é da B. A. C. (bilingue) em 1956.

(4) Pio XII — Radiomensagem — 31 de Outubro de 1942. A. A. S. 1942, pág. 313.

Agradecem à JACINTA

Fernanda Pereira Faria, a cura de sua mãe duma grave doença, depois de ter feito uma operação muito melindrosa.

Bárbara Cardoso, Rio Torto, o regresso dum seu cunhado de Angola.

Elvira Marques, Canadá, a cura do reumatismo que lhe atacava a mão direita, e de que muito sofria.

Profetina Banedo, Vilela do Tâmega, encontrava-se, havia anos, gravemente enferma do estômago. Uma úlcera minava-lhe as forças e a saúde. Pediu, então, com fé à Jacinta que o Senhor lhe restituísse a saúde e foi atendida.

Maria Regina Dantas Gomes, Aveiro, a graça de sua netinha não ter precisado mais dum doloroso tratamento à vista esquerda, a que estava a ser submetida.

Ana Joaquina de Jesus, Vila da Feira, duas graças.

Maria de Jesus Figueiredo, Cavelinhas, Alice Ferreira Orumonde, Ilha Terceira, Açores.

José Carlos Ferreira da Silva, Mira de Aire.

Maria de Fátima da Silva, S. Caetano, Pico, Açores, a solução dum assunto que muito a preocupava.

Isabel Marques da Silva e Maria Albertina de Sousa, S. Caetano, Pico, Açores. Pureza Domingues, Melgaço.

Serafina Lopes da Cunha, S. Jorge, Açores, três graças.